



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 1, janeiro-junho, 2019, p.44-54
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i1p44-54

O ELEMENTO LÓGICO REPRESENTADO PELA RETRODUÇÃO NA FILOSOFIA DE CHARLES SANDERS PEIRCE¹

Júlio César D'Oliveira

Centro de Estudos de Pragmatismo, PUCSP – Brasil
doliveira007@hotmail.com

Resumo: Há muito ainda que se investigar e refletir sobre a filosofia desenvolvida por C.S. Peirce. Mas um elemento de especial relevância está anunciado nos meandros da sua Teoria da Percepção. Referimo-nos acerca do ato de retrodução e buscaremos destacar que sua primordialidade está ligada às operações do raciocínio, composto também pelos elementos de dedução e indução. A importância deste breve estudo se eleva quando examina como tais elementos auxiliam na exegese fenomenológica peirciana, o que, como consequência, viabiliza ativamente a compreensão do mundo. Com isso, pretendemos aclarar ao máximo o conceito atribuído à retrodução, bem como a forma pela qual esta forma de raciocínio se manifesta em nossos comportamentos empíricos. Será satisfatório, deste modo, compreendê-la como uma atuação da mente que ocorre num átimo, enquanto ainda há algo de vago, cuja eclosão do sentido que capta o fenômeno se dá no horizonte da experiência, mas num momento em que os elementos externos ainda não estão aptos para gerar certeza cognitiva sobre qualquer coisa. Todavia, nem por isso possui papel insignificante, já que a partir deste sentimento sedimentam-se as bases para a dedução e a indução também atuarem, possibilitando a concretude das ações e construindo pontes do mundo interior para o universo exterior.

Palavras-chave: Peirce. Percepção. Raciocínio. Retrodução. Pragmatismo.

THE LOGICAL ARGUMENT REPRESENTED BY THE RETRODUCTION IN THE PHILOSOPHY OF CHARLES SANDERS PEIRCE

Abstract: *There is still much to investigate and reflect on the philosophy developed by C.S. Peirce. But an element of special relevance is heralded in the intricacies of his Theory of Perception. We refer to the act of retroduction and we will try to emphasize that its primordiality is linked to the operations of reasoning, also composed of the elements of deduction and induction. The importance of this brief study rises when examining how such elements aid in Peircean phenomenological exegesis, which, as a consequence, actively enables the understanding of the world. With this, we intend to clarify to the maximum the concept attributed to retroduction, as well as the way in which this form of reasoning is manifested in our empirical behaviors. It will be satisfactory in this way to understand it as an*

¹ O presente texto foi apresentado no XVIIIº Encontro Nacional da ANPOF, realizado entre os dias 22 a 26 de outubro de 2018, em Vitória (ES) – Brasil, tendo sido baseado, em parte, em um dos capítulos da minha tese de Mestrado intitulada “Elementos para uma reflexão filosófica sobre a Teoria da Percepção de C.S. Peirce”, defendida publicamente em agosto de 2018.

actuation of the mind that occurs in an instant, while there is still something vague, whose outbreak of the sense that captures the phenomenon occurs in the horizon of experience, but in a time that the external elements still are not able to generate cognitive certainty about anything. However, it does not play an insignificant role, since from this feeling, the bases for deduction and induction are established, enabling the concreteness of actions and building bridges from the inner world to the outer universe.

Keywords: Peirce. Perception. Reasoning. Retroduction. Pragmatism.

* * *

Introdução

Através da estrutura desenvolvida na filosofia de Charles Sanders Peirce é possível notar os fenômenos de modo bastante peculiar e, assim, verificar muito detalhadamente, quase que com uma lente desenvolvida especialmente para a observação das minúcias cósmicas, as questões abordadas acerca das denominadas formas de raciocínio, consistentes na abdução, dedução e indução, sendo que a primeira, foco deste trabalho, é também nomeada como retrodução ou inferência hipotética², responsável pelo ato de adoção provisória de uma suposição verificável por experimentação, num primeiro estágio do raciocínio investigativo, este que deve ser compreendido como uma ferramenta da mente que rastreia as evidências sujeitas à captação sensorial, embora não se descuide em saber que ainda esteja, em dado momento de sua atuação, caminhando pela vaguesa do horizonte experiencial.

Peirce indicou que “é no perceber que se raciocina”³. Isto posto, podemos dizer que a absorção dos dados fornecidos pelos signos dispostos no mundo exterior, através da percepção, nos prepara para futuros atos.

Assim, uma seção do raciocínio, por ora no estágio da retrodução, é revelado por uma ilação, ou seja, uma inferência que ocorre enquanto a mente ainda não pode deduzir algo qualificado com um componente substancial de certeza, pois é incipiente, com conclusões consideradas ainda inexplicáveis, vagas, abstratas, mas que já tem o potencial de provocar a formação de um processo cognitivo próprio para sugerir e influenciar uma hipótese.

Com esta proposta inicial passaremos a discorrer acerca da estrutura do sentimento retrodutivo, buscando compreender seu modo de atuação.

A importância dos elementos dispostos no não-ego

É fato que os elementos que formam o mundo exterior – falamos daqueles ainda não captados pela percepção – é infinitamente maior do que as impressões já apreendidas. Mesmo assim, as emanações sígnicas acabam por adentrar ao pensamento lógico pela porta da percepção, são transformadas e combinadas pela

² Peirce também usa os termos *retrodução* e *inferência hipotética* para o que ele chama de *abdução* (CP 7,97 e CP 8,228).

³ CP 5,194.

mente e, ao final, devolvidas ao mundo exterior através das ações intencionais⁴. E este é, inclusive, um dos legados peircianos que dá supedâneo à Teoria do Pragmatismo.

Isto dá forma ao ato de resposta cuja causa é a transformação daquilo que entra pelos filtros sensoriais, provocando modificações interiores, já que deixa trilhas que geram aumento do repertório do particular.

Recorde-se, pois, que o Pragmatismo também cumpre duas funções essenciais: a de preparar caminhos, desembaraçando-nos de idéias pouco claras; e a de tornar claras as ideias distintas, quais sejam aquelas que possam ou não exigir uma apreensão difícil, visando uma atitude satisfatória em relação ao elemento da terceiridade.⁵

Para a Filosofia, a retrodução como elemento lógico constitui um princípio fundamental, pois jamais passamos indiferentes por qualquer coisa que seja, o que provoca a problematização dos fenômenos, de modo a irradiar a volição em direção ao seu esclarecimento. Por analogia, podemos comparar esse ato a uma forma de “espanto” propriamente dito, que, nesse contínuo evolutivo, esculpe a inteligência de modo geral, sendo ela caracterizada por ser de senso comum ou científica, mas ambas tendo a base experiencial como genética.

É cediço que toda indagação leva em conta a observação de algum fenômeno diferente, ou seja, alguma experiência que, de fato, tira de prumo um hábito, provocando um certo fastio à mente humana, já que segundo Vico, “a mente humana é naturalmente levada a deleitar-se com o uniforme”⁶.

Como consequência, o raciocínio investigativo tem início com a avaliação dos fenômenos na busca de algo a ser clarificado, provocando reflexões capazes de fornecer explicações razoáveis. Bem a calhar então a observação de Aristóteles na qual o objeto da investigação é identificado pelos instrumentos ou usos que damos a eles.⁷

Justamente neste contexto Peirce reanimou e rearquitetou o conceito de retrodução, originariamente abordado pelos Gregos⁸, como sendo o ato mental que representa o processo de formulação de hipóteses sobre algo que desponta de modo surpreendente⁹, cujo objeto sintetiza qualidades de sensação ainda dispersas, sem prejuízo de aglutinar certo poder preditivo com vias à adoção provisória e indeterminada acerca de uma hipótese, sempre com base na experiência.

Note-se que este comportamento de adoção provisória e indeterminada, portanto vaga, a qual nos referimos é corroborada por Nathan Houser no texto *The Scent of Truth*¹⁰. Diz ele, em linhas gerais, que a abdução, sendo uma legítima concepção da lógica, atua em nós como se estivéssemos num pantano em direção a

⁴ Cf. CP 5,212.

⁵ Cf. CP 5,206.

⁶ VICO (2005, p. 131).

⁷ Cf. ARISTÓTELES (1973, p. 286).

⁸ Vide CP 1,65.

⁹ Cf. CP 5,171.

¹⁰ Cf. HOUSER (2018).

algo mais elevado, mais seguro. Ou seja, numa grande extensão entre a ignorância e o conhecimento, sendo que este deve ser compreendido como uma qualidade necessária para a vida cotidiana.

Um ótimo exemplo do comportamento mental que demonstra a atuação retrodutiva

Reforçando a compreensão acerca do conceito do objeto em estudo, destaca Ibri que a retrodução é o argumento lógico originário de uma nova ideia mediadora, tendo como pressuposto que o objeto de sua formulação como inferência deve ser posterior a algum estado da mente na qual uma ideia ainda esteja numa condição vaga.¹¹

Neste caminho, ressalve-se que, nem a dedução, compreendida como uma atividade mental responsável por extrair as consequências necessárias das hipóteses, nem a indução, cujo sentido é ser o ato mental no qual as previsões das teorias serão experimentadas e, de alguma forma, testadas, contribuem para a conclusão de uma investigação. Elas tornam o indefinido, definido.

Com esta exegese, Peirce oferece um exemplo a respeito de uma formulação provisória que se processa na construção do raciocínio, enquanto este ainda não tenha passado pelas etapas da dedução e da indução, portanto, até então, com a característica de vagueza inerente à observação de suposição provocada pela percepção:

Todas as operações de química não conseguem decompor hidrogênio, lítio, boro, carbono, nitrogênio, oxigênio, flúor, sódio, ouro, mercúrio, tálio, chumbo, bismuto, tório e urânio. Provisoriamente se supõe que tais substâncias sejam simples, mas a experimentação detectará sua natureza composta, se puder ser detectada em tudo. Isso denomino retrodução.¹²

Demonstrando forte base epistemológica e se preparando para o aprofundamento em suas lições, Peirce traz exemplos incontestáveis na construção de sua teoria, citando como paradigma a experiência do astrônomo, astrólogo e matemático alemão Johannes Kepler, que, em 19 de julho de 1595, teve uma epifania que o auxiliou a definir, através de suas observações, as posições aparentes de Marte em diferentes momentos, fazendo-o convir, de modo geral, com a Teoria Ptolomaica¹³, apesar de algumas divergências. Kepler estava convencido de que a hipótese copernicana deveria ser aceita, vez que Copérnico compreendeu,

¹¹ Cf. IBRI (2006, p. 6).

¹² CP 1,68.

¹³ Na época de Ptolomeu (alto Egito, século II d.C.), os estudos tendiam a mesclar ciência e misticismo. Em *Almagesto* (sistema matemático), Ptolomeu preocupou-se em colocar de modo preciso sua pesquisa no âmbito do quadro do saber que fora traçado por Aristóteles. Ele estava convencido da nítida superioridade das ciências teoréticas, dando prioridade às ciências matemáticas, pois supunha que estas teriam como foco coisas divinas e celestes, que são imutáveis e ontologicamente estáveis, permitindo clara e ordenada apreensão e fornecendo auxílio às outras ciências (REALE e ANTISERI, 2014, p. 357/358).

a princípio, que a Teoria de Ptolomeu se modifica quando atribuído um movimento comum a todos os corpos do sistema solar, tão somente o necessário para anular o movimento médio do sol. À primeira vista, de fato, parecia que as aparências não eram afetadas, mas Kepler percebeu que o sol estava perto do centro do sistema e compreendeu que teria algo a ver com a causa dos planetas que se movem em sua órbita.¹⁴

E isto não é outra coisa senão uma inferência hipotética, ou seja, um processo do raciocínio que se mostra, pelo momento, provisório pela vaguesa de suas conclusões, mas que ainda serão suficientemente buscadas.

Note-se que apesar de provocar grande esforço na obra de Kepler, esta análise ainda inconsistente ofereceu propulsão suficiente para que ele notasse que as linhas de apsides¹⁵ das órbitas de Marte e da Terra não são paralelas, desenvolvendo e demonstrando, por meio de observações, que seu aguçado senso lógico foi satisfeito após inúmeras tentativas, finalmente chegando à órbita verdadeira, sendo este um perfeito exemplo de raciocínio retrodutivo.¹⁶

Tal exemplo é importante para expressar que a retrodução gera suficiente afinidade entre o raciocínio da mente e da natureza, ou seja, viabiliza o contato entre o mundo interno e o mundo externo, de modo a tornar possível que cada suposição possa ser verificada por comparação à observação.¹⁷

Esse exercício observacional adotado por Kepler, que certamente despendeu grande energia como consequência empírica, se deu numa dinâmica que também gerou condições para a ocorrência de erros, embora seja plenamente possível circunstâncias de autocorreção, além de se atingir um estado temporário de homeostase, que seria a condição de relativa estabilidade da qual se necessita para realizar funções em busca de equilíbrio¹⁸, onde o assentamento das considerações ainda está se formando.

A retrodução como gênese do ego

Peirce assevera em sua obra que o único tipo de raciocínio através do qual algumas conclusões por ora ainda inexplicáveis poderia eventualmente ser alcançado é a retrodução. Para ele “Nada justifica uma inferência, a não ser que ofereça uma explicação dos fatos”.¹⁹

E, neste sentido, ainda acrescenta:

¹⁴ Cf. *CP* 1,72.

¹⁵ O eixo principal da elipse que liga periapside e apoapside de uma órbita é chamado de linha de apsides.

¹⁶ Cf. *CP* 1,73.

¹⁷ Cf. *CP* 1,121.

¹⁸ Cf. AN TOMARINI, Brunella (2017, p. 187).

¹⁹ *CP* 1,139.

De acordo com Darwin, o primeiro passo do homem na longa história de seu desenvolvimento foi tomado de modo arbitrário e sem lei. Seja qual for a verdade ou erro que possa haver nisso, é indubitável que cada passo no desenvolvimento da ciência moderna se inicia apenas através de uma suposição ou mera conjectura. Mas tal sugestão advém da experiência. A ordem da marcha da sugestão na retrodução é de experiência à hipótese.²⁰

Mas é importante frisar, para melhor compreensão, que o raciocínio, em sua fase de indução, se iniciará com o teste da hipótese anunciada pela retrodução e, posteriormente, se confirmará nos termos preditos originalmente, ou não.

Note-se que se aproxima desta concepção o termo *eureka*²¹, atribuída a Arquimedes, após a descoberta de algo cujo objeto investigado se pretendia.

Peirce também propõe, neste campo argumentativo, a ideia de uma *antecedência virtual*, sendo legítimo e útil elaborar um plano inicial acerca do objeto investigado ponderando desenvolver e testar as consequências de uma determinada hipótese através de um certo sistema matemático, pré estabelecendo a verdade ou falsidade do referido objeto. Isto é, seria um ato de reexame do processo que se iniciou com a retrodução provocando a sugestão e influenciando sobre a hipótese original. Como consequência, a validade de sua indução dependerá da abordagem racional em favorecer a rejeição ou a adoção indutiva da sugestão retroativa.

A indução, portanto, ganha aval pelas garantias intrínsecas no seu método de conclusões que, se persistirem durante o tempo da investigação, provavelmente corrigirão eventuais erros relativos à experiência futura, auxiliando-se da retrodução e das deduções das sugestões no sentido de descoberta de regularidades existentes entre experiências, enquanto que a irregularidade total não poderá ser superada²², devendo ser abandonada.

Peirce destaca também que nossa atenção tende a ser atraída em direção aos fenômenos que demandam mais elementos investigativos, os quais entendemos ser aqueles que não estão na órbita da nossa habitualidade, indo de problemas mais fáceis para problemas cada vez mais difíceis.²³ E isso denota o interesse do investigador que se debruça diante de níveis de complexidade, tal como ondas que formam obstáculos que escondem um novo conhecimento.

Neste estágio do texto já podemos considerar que a retrodução como sendo um ato de experiência em sua essência, ou seja, uma pesquisa retrodutiva é uma pesquisa experimental. Esse é o ponto fulcral deste estudo. E quando observamos a indução e a dedução do ponto de vista da experiência, estamos apenas notando nesses tipos de raciocínios a afinidade com a retrodução, que começa sempre com a coligação de fatos variados observados separadamente sobre o mesmo objeto da hipótese. Ou seja, o fenômeno que inicialmente era mera hipótese percebida pelos órgãos sensoriais ganha desdobramentos até sua consolidação.

²⁰ CP 2,755.

²¹ Do grego *ἔρηρα, εὔρηρα*, cuja tradução significa “encontrei”.

²² Cf. CP 2,769.

²³ Cf. CP 2,769.

Ibri reforça este entendimento dizendo que:

O argumento abduativo, aquele ao qual justamente cabe a elaboração de hipóteses, cumpre a função de romper, de início, a força bruta do inexplicável, e sua importância dentro do quadro lógico do autor torna-se facilmente perceptível em face da radical recusa peirciana do incognoscível. O vetor abduativo tem sua origem desenhada na experiência e seu sentido definido por uma teoria explicativa [...].²⁴

Resta claro, desta forma, que a retrodução tem como gênese a experiência vivida e captada pela percepção. Mas desta situação levanta-se a advertência de que não se trata de uma observação externa dos objetos como na indução, nem tampouco uma observação feita sobre as partes de um diagrama, como na dedução. É, pois, um ato contemplativo, sem maiores pretensões. Simplesmente acontece e nada podemos fazer a respeito, embora devamos estar preparados quando soar o alarme mental de que algo novo pode estar invadindo nosso campo abrangido pela percepção.

Para melhor inteirar, Peirce diz o seguinte:

O ato de observação é a entrega deliberada de nós mesmos a essa força maior, uma rendição antecipada à nossa previsão. Assim, a retrodução seria uma espécie de rendição à insistência de uma ideia. A hipótese, como se diz em francês: *c'est plus fort que moi*²⁵. É irresistível, imperativo.²⁶

Por outro lado, quando se fala de uma hipótese onde há uma causa verdadeira²⁷ a inferência não é hipotética, mas indutiva. Relembre-se, pois, que a indução representa a fórmula lógica que expressa o processo fisiológico da formação de um hábito, e a retrodução, de certa forma, surge quando há uma fratura na habitualidade, indicando que algo novo foi detectado pelo aparelho sensorial.

Portanto, as inferências *veræ causæ* são indutivas e não retrodutivas.

Vejam nas palavras de Peirce:

Quando digo que uma inferência não é uma questão de crença, encontro a dificuldade de que existam certas inferências que, cientificamente consideradas, são indubitavelmente hipóteses, mesmo que sejam perfeitamente corretas. Por exemplo, a inferência de que Napoleão Bonaparte viveu realmente no começo deste século, é uma hipótese que adotamos para explicar o testemunho

²⁴ IBRI (2015, p. 171).

²⁵ Tradução livre: "é mais forte que eu".

²⁶ CP 5,581.

²⁷ Causas verdadeiras são chamadas por Peirce de *veræ causæ*, que na acepção da tradução do latim quer dizer exatidão. (CP 5,589).

concordante de memórias, registros públicos de história, tradição e inúmeros monumentos e relíquias a respeito da real existência de Napoleão. Um exemplo ainda melhor é o das traduções do cuneiforme que começaram em simples suposições. Contudo, evoluindo por novas conjecturas sobre as antigas conjecturas esta ciência passou a produzir um resultado aproximado com o acordo das leituras entre si, com outra história, com fatos conhecidos da linguística.²⁸

Destarte, nesta perspectiva, uma hipótese não é uma questão de crença, já que demanda examinar inferências no seu aspecto fenomênico e posteriormente conjecturar com os respectivos aspectos práticos extraídos indutivamente, exercício este que exige suficiente clareza observacional entre seus processos para ser reconhecido também no campo filosófico.

É exatamente nesse aspecto que Peirce ressalva a seguinte observação:

O único fim da ciência, como tal, é aprender a lição que o universo tem de nos ensinar através da indução, que simplesmente se rende à força dos fatos. Mas apenas isso não é suficiente. Tal como Galileu que apelava para *il lume naturale*²⁹, deve-se ter a noção da possibilidade de que um sólido fundamento do fato pode também falhar, devendo tal posicionamento a respeito de algo ser apenas provisório, que pode encontrar confirmações ou então mudar sua posição.³⁰

É certo que a ciência possui um elemento arbitrário em suas teorias confiante no fato de que o objeto do qual as atenções apontam será cada vez mais purificado da subjetividade³¹, ou seja, as observações particulares devem ser esvaziadas, dando espaço para o objeto que está sendo homoganeamente percebido.

Já para a prática, a verdade real deve ter a característica da certeza, ou deve possuir, pelo menos, uma alta probabilidade, ou seja, deve-se saber que, embora alguns de seus empreendimentos possam falhar, a maior parte deles será exitoso de modo a gerar confiança naquilo em que se espera. É a denominada predição.

A crença se torna, nesta consecussão, a disposição para arriscar sobre uma proposição. Quer dizer, ousar sobre o objeto acolhido como verdade podendo até mesmo comprometer toda a estrutura construída para protegê-lo.

E Peirce orienta:

²⁸ CP 5,589.

²⁹ Do italiano: *A luz natural*.

³⁰ CP 5,589.

³¹ Neste sentido, vale lembrar um dos inúmeros argumentos de Giordano Bruno, que dizia: “[...] a inconstância dos sentidos demonstra que eles não são princípio de certeza e não a estremam senão por certa comparação e conferência de um objeto sensível a outro, e duma sensação a outra; daí se conclui que a verdade é relativa nos diversos sujeitos.” (BRUNO, 2016, p. 03).

Mas esta crença não é preocupação da ciência que não tem nada em jogo em qualquer empreendimento temporal, mas está em busca de verdades eternas (não aparências à verdade) e olha para esta busca, não como a obra da vida de um homem, mas como o de geração após geração, indefinidamente. Assim, as inferências retroativas que adquirem altos graus de certeza, na medida em que são prováveis, não são retroduções puras e não pertencem à ciência, como tal. Enquanto, na medida em que forem científicas serão retroduções puras, não sendo matérias para a crença. Enfim, são as denominadas ciências consagradas.³²

Desta citação, resta uma grande lição peirciana, consistente na prognose de que muitas das coisas que são objetos de nossas crenças, sobre as quais conceituamos de modo vigoroso no campo do conhecimento humano, não nos pertence, ou melhor, não é criação da cultura humana, mas sim é algo natural, universal, ou seja, que compõe o cósmos. São coisas sobre as quais independem de nossa vontade ou até mesmo do modo que percebemos suas representações. Apenas elas existem autonomamente à qualquer outra coisa paralela.

Justamente por isso, a investigação deve começar com a observação numa base experiencial, ponderando-se os fenômenos na busca de algum ponto de vista que deve ser resolvido, dando gênese a uma conjectura que possa fornecer eventual explicação plausível, sem prejuízo da atenção aos signos quando este momento de fratura da habitualidade ocorrer.

Pontualmente, para compreender este estado de atenção mediante tais observações é que Peirce divide esta empreitada investigativa em três etapas fundamentais, quais sejam:

A **primeira etapa** representa uma sorte de comportamentos mentais provocados pelo aviso de um fenômeno surpreendente que advém sensorialmente após eclosão com campo experiencial e que oferece hipóteses ainda inseguras, não propriamente confiáveis, já que ainda permanecem com elementos não completamente cognoscíveis sob o ponto de vista do interpretante³³. Esta é a etapa denominada **retrodução**.³⁴

A **segunda etapa** da investigação, em síntese, é determinada pelo movimento de busca das consequências necessárias oferecidas pelas hipóteses. Isso ocorre por meio da **dedução**.

Por fim, a **terceira etapa** consiste na averiguação da concordância entre os pontos observados na experiência e do julgamento adequado da hipótese viabilizando sua aceitação. Mas também proporciona a verificação da necessidade de eventual correção ou mesmo a rejeição completa do que foi inicialmente percebido. Isso se dá através da **indução**.³⁵

³² CP 5,589.

³³ Vale dizer que nada podemos dizer sobre aquilo que aparece, o percepto, senão pela mediação de um juízo de percepção, viabilizado por um movimento de interpretação, levando-se em conta o prévio repertório experiencial do interpretante (Cf. D'OLIVEIRA, 2018, p. 36).

³⁴ Cf. CP 6,470.

³⁵ Cf. CP 6,472.

Importante frisar, em síntese, que:

A abdução fornece todas as nossas ideias sobre coisas reais, além do que é dado na percepção, mas trata-se de mera conjectura, sem força probatória. Já a dedução é certa, mas refere-se apenas a objetos ideais. Por fim, a indução nos dá a única aproximação à certeza quanto ao real que podemos ter. (...) ³⁶

Portanto, a dedução e a indução são responsáveis por tornar o indefinido, definido. Assim: “A dedução explica e a indução avalia” ³⁷. Resta à retrodução, que não possui uma qualidade insuperável de segurança, o papel de perceber a sugestão das hipóteses, tendo como canal os sentidos e, caso seja esta surpreendente, pode formulá-la através de um julgamento.

Para Peirce, em suma, as três formas de raciocínio são essenciais para o processamento do produto captado pelo aparelho sensorial, filtrando-o de modo que este, se necessário, possa ser empregado no ato seguinte ao complexo processo interior da mente, ou apenas estacionado e sequer notado pela razão. De qualquer forma, o fruto desta percepção estará à disposição caso seja relevante sua utilização.

De qualquer modo, a retrodução é um sentimento complexo que desencadeia, muitas vezes num piscar de olhos, a formulação de uma hipótese, que, por sua vez, produz o elemento sensorial que dá base a um pensamento.

E todo este complexo mundo de elementos interiores subsumidos no processo mental, ainda assim, só terá suporte por meio da experiência. Logo, depende da vivência e apenas terá gênese a partir da percepção, que notará os fenômenos a serem decifrados, continuamente.

Considerações finais:

Após esta breve jornada pela órbita conceitual deste comportamento mental representado pelo termo retrodução, podemos entender com maior vigor o que por muitas vezes passa inossos, sem a proveitosa compreensão acerca do nível de relevância deste raciocínio advindo diretamente da percepção, no que se refere a algo que efetivamente surpreende nosso aparelho sensorial, justamente por quebrar um hábito mental.

O alerta mental sobre um fenômeno que causa estranheza, por ser incompreendido de imediato, promove a ignição para a atuação plena do raciocínio, desde que estejamos atentos a isso e dispostos a utilizar a nova informação para um empreendimento que nos auxilie em novas descobertas.

Enfim, este complexo sistema sensorial que liga o mundo interno ao mundo externo é responsável pela caminhada em direção à evolução da inteligência, pois, através da detecção e decodificação dos fenômenos, sejam eles físicos ou não, sua compreensão ampliará o volume do repertório a ser útil para novas experiências, o

³⁶ CP 8,209.

³⁷ Vide nota 12.

que quer dizer, novos conhecimentos, pois a elaboração mental de uma hipótese pode dar azo a novos mundos, portanto, tem sentido evolucionário.

* * *

Referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2015.

ANTOMARINI, Brunella. Peirce e cibernética: retrodução, erro e autopoiesis no pensamento futuro. **Cognitio**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 187-204, jul./dez. 2017, p. 187.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco** (Livro III, 5, 30). Os Pensadores. Abril Cultural. 1ª Edição. São Paulo, 1973.

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito, do universo e dos mundos**. Fundação Calouste Gulbenkian. 7ª edição. Lisboa, 2016.

D'OLIVEIRA, Júlio César. **Elementos para uma reflexão filosófica sobre a Teoria da Percepção de C. S. Peirce**. Dissertação de mestrado defendida em agosto de 2018 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Ivo Assad Ibri.

HOUSER, Nathan. **The Scent of Truth**. Texto apresentado no 18º Encontro Internacional sobre Pragmatismo, realizado no ano de 2018, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

IBRI, Ivo Assad. A Exclusividade Heurística da Abdução na Filosofia de Peirce. Versão em português feita pelo próprio autor, a partir do original em inglês: IBRI, A. Ivo. The Heuristic Exclusivity of Abduction in Peirce's Philosophy. In: **Semiotics and Philosophy in C. S. Peirce**. Editado por Rossella Fabbrichesi Leo e Susana Marietti. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders Peirce. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Editado por Charles Hartshorne, Paul Weiss e Arthur W. Burks. 8 volumes. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 e 1958.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora Paulus. Volume 1, 12ª edição, 2014.

VICO, Giambattista. **Ciência Nova**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.